

Comentário de Livro

Cannabis e saúde mental – Uma revisão sobre a droga de abuso e o medicamento

Antonio Waldo Zuardi, José Alexandre de Souza Crippa, Francisco Silveira Guimarães *et al.*

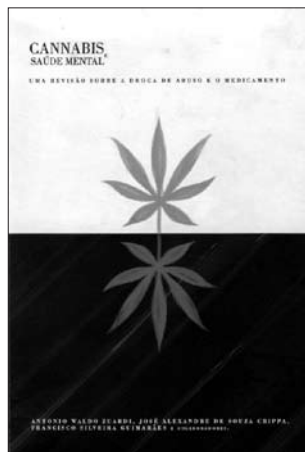
FUNPEC – Editora, 2008

ZACARIA BORGE ALI RAMADAM

Professor-associado do Departamento de Psiquiatria da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP)

Recebido: 18/9/2008 – Aceito: 22/9/2008

Ramadam ZBA / Rev Psiq Clín. 2009;36(2):85-6



Jean-Paul Sartre, num ensaio clássico sobre literatura, entre outras questões, interrogava: “Por que se escreve? Para quem se escreve?”.

Tais indagações, originalmente suscitadas pela literatura ficcional, são pertinentes também às publicações científicas, sejam artigos em periódicos, livros ou monografias.

O público leitor é o destinatário final da obra e seu juiz soberano.

No caso em questão, cabe a pergunta: por que um livro sobre *Cannabis*, considerando-se que, nas últimas décadas, a maconha talvez seja recordista em publicações na mídia, em revistas científicas, monografias e capítulos de livros?

Ocorre que a extraordinária difusão e vulgarização do uso dessa erva tornou-a a estrela principal de uma tragédia sem precedentes: diferente do tabagismo e do

alcoolismo (indiscutivelmente nocivos), ela alimenta poderosas quadrilhas e redes de tráfico, corrupção e crimes contra a pessoa, por meio das somas incalculáveis de dinheiro que movimenta, contaminando todos os estratos sociais.

Disso resulta que, embora exaustivamente retomado, mesmo por autores sérios e bem intencionados, o assunto permanece repleto de opiniões e informações contraditórias, controvérsias tão antigas quanto os primórdios da utilização desse arbusto prodigioso.

Não obstante, os autores justificam sua obra assinalando que, embora os efeitos da *Cannabis* sejam conhecidos de longa data, somente a partir da década de 1980 teve início a investigação científica desses efeitos, com a descoberta, no sistema nervoso central, dos receptores específicos para canabinoides e o isolamento das substâncias endógenas que interagem com esses receptores.

Esclarecem ainda que “dos 8.627 trabalhos científicos publicados na literatura internacional até meados de 2006 contendo a palavra *canabinoide*, 3.633 (42%) o foram a partir do ano 2000”.

E ressaltam que esses trabalhos têm revelado que canabinoides endógenos têm importante papel regulatório em um número muito grande de funções biológicas.

Isto posto, propõem-se a sintetizar a extensa literatura científica sobre diferentes aspectos da relação entre *Cannabis* e saúde mental.

Os autores e os colaboradores (30 no total) são todos professores universitários e pesquisadores do mais alto nível nas respectivas áreas, atuantes na Universidade de São Paulo (USP), Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e universidades do exterior (Estados Unidos, Inglaterra, Espanha).

O livro é dividido em cinco partes, abrangendo 17 capítulos e abordando aspectos históricos e farmacológicos; efeitos da droga no sistema nervoso; relação com a psicopatologia; epidemiologia, problemas e tratamentos de seu uso abusivo.

É indiscutível a alta qualidade da obra, a riqueza de informações e a seriedade com que os temas foram tratados; contudo, salvo no capítulo 13 – “Epidemiologia: Panorama Brasileiro”, trabalhos publicados no Brasil não foram suficientemente valorizados, embora a *Cannabis* tenha tido, em nosso país, uma história tão marcante, nos últimos 100 anos, quanto em outros países do continente, com expressiva literatura nos campos científico e ficcional.

Obras substanciais, como a de Oswald Moraes de Andrade (década de 1960) ou de Carol Sonenreich (década de 1980), não foram sequer mencionadas. Esta última, aliás, trouxe importantes e originais contribuições ao estudo da psicopatologia do dependente, válidas até hoje.

Pode-se depreender que o propósito dos autores tenha sido, sobretudo, transmitir conhecimento e pesquisas mais recentes, o que fazem com indiscutível competência, sem exceção, em todos os capítulos, merecendo especial destaque a parte dedicada à psicopatologia (Capítulos 8 a 11).

São igualmente instigantes os capítulos 11 e 12, nos quais são considerados os possíveis efeitos terapêuticos da *Cannabis* e seus derivados, sobretudo no estresse pós-traumático e nos estados ansiosos; assim como o capítulo 13, sobre o sistema canabinoide endógeno, minuciosamente descrito.

A rigor, todos os temas foram estudados com profundidade, apresentando bibliografia copiosa e atualizada.

Contudo, o alto nível da obra torna sua leitura proveitosa somente para profissionais da saúde, sobretudo médicos e psiquiatras, pois demanda conhecimentos de química, biologia, psicologia e áreas afins.

A escolha dos temas distribuídos nos capítulos, embora bastante satisfatória, padece, entretanto, de uma grande lacuna: um capítulo sobre *Cannabis*, violência e criminalidade, considerando que até a década de 1950 a marginalidade constituía o principal mercado consumidor da droga. Não por acaso, de haxixe (*erva*, em árabe) e haxixin (usuário da erva) originou-se a palavra *assassino*.

Esse tema é, sem dúvida, um dos mais relevantes e controversos na Psiquiatria Forense, no tocante à avaliação da imputabilidade nas ações delituosas.

Também seria útil – embora não indispensável – uma ou algumas fotografias da planta, bem como uma breve descrição de suas características botânicas, já que muitos profissionais não conseguem identificá-la ou nem sequer distingui-la de um maço de chicória.

Não obstante, trata-se de uma obra de valor inestimável, pela abrangência, profundidade e interesse para a área de saúde mental.